

Recebido:	07/02/2022
Publicado:	29/04/2022

REFLEXÕES SOBRE A NOÇÃO DE ANGÚSTIA EM SARTRE: CONTRIBUIÇÕES PARA A PSICOLOGIA CLÍNICA

Mikaelli Neves Carvalhoⁱ  0000-0002-1771-2974

Centro Universitário UniFatecie

Nilson Lucas Dias Gabrielⁱⁱ  0000-0002-5582-5419

Centro Universitário Cidade Verde - UNIFCV

RESUMO: O presente artigo objetiva compreender a noção de angústia na obra de Jean-Paul Sartre (1905- 1980) e como suas colocações sobre o conceito podem contribuir para a psicologia clínica no Brasil. Tendo em vista esse processo, foram utilizados como marcos teóricos duas de suas obras: *O Existencialismo é um Humanismo* (1946) e *O Ser e o Nada* (1943), esta última, contém um capítulo destinado pelo autor apenas a “psicanálise existencial”. Foi analisado como o conceito de angústia na obra do existencialista tem sido apropriada pelos

pesquisadores do campo da psicologia, visto que a maior parte da confecção de trabalhos voltadas para o autor acontece no campo da filosofia, foram levantados dados a fim de explorar a possibilidade de correlacionar o conceito com outras temáticas dentro do campo da psicologia. Este artigo discorrerá brevemente sobre o existencialismo, o existencialismo sartreano, expondo as contribuições de Sartre para clínica em psicologia utilizando-se do livro *Sartre e a Psicologia Clínica* (2011) da autora Daniela Schneider, pesquisadora e autora sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE: Jean-Paul Sartre. Angústia. Psicologia.

REFLECTIONS ON THE NOTION OF ANGUISH IN SARTRE: CONTRIBUTIONS TO CLINICAL PSYCHOLOGY

ABSTRACT: This anguish in the work of Jean-Paul Sartre (1905-1980) and how his statements about this concept can contribute to clinical psychology. As theoretical markers, two works by the author will be used, *Existentialism is a Humanism* (1946) and *O Ser e o Nada* (1943), the latter contains a chapter designed by the author only for 'existential psychoanalysis'. Sartre had a great interest in proposing a new method for psychology and was a staunch critic of the psychology and psychoanalysis taught and applied at the time. During the research to carry out the article it will be analyzed how the concept

of anguish in the existentialist's work has been appropriated by researchers in the field of psychology, since most of the writing aimed at the author takes place in the field of philosophy, data will be pointed out in order to explore the possibility of correlating the concept with other themes within the field of psychology. The article will briefly discuss existentialism and Sartrean existentialism. Exploring the and ending by exposing Sartre's contributions to clinical practice in psychology using the book *Sartre and the Clinical Psychology* (2011) by Daniela Schneider, researcher and author on the theme.

KEYWORDS: Jean-Paul Sartre. Anguish. Psychology.

1. Introdução

Este artigo tem por objetivo refletir sobre a noção de angústia na obra de Jean-Paul Sartre, visando suas respectivas contribuições para a Psicologia. Sartre nasceu em 1905 na França e foi tornando-se filósofo, literato e dramaturgo. A sua obra pode ser classificada em três momentos diferentes, porém complementares. São eles: o fenomenológico, a partir das elaborações husserlianas; o ontológico e existencial, acerca dos estudos sobre o ser e a existência humana e; o da dialética crítica em um diálogo progressivo e regressivo com o marxismo (FREITAS, 2018).

O intelectual tornou-se conhecido principalmente por seus contos, novelas e romances, como *A Náusea* (1938), *O Muro* (1939) e a trilogia *Os Caminhos da Liberdade* (1945-1949), além dos seus textos de crítica literária, política e prefácios. Desde os seus primeiros textos filosóficos, a citar como exemplo, *A Transcendência do Ego* (1936), inspirado na fenomenologia de Husserl (1859-1939), o filósofo francês já esboçava um pensamento que o conduziria à formulação de uma corrente filosófica, nomeada de existencialismo, mais precisamente desenvolvida através das obras *O Ser e o Nada* (1943) e *Crítica da Razão Dialética* (1960).

Por conta de suas reflexões filosóficas, criatividade literária e compromisso político, Sartre foi provavelmente o filósofo mais conhecido do século XX e não à toa, é considerado por muitos, a consciência de seu século (GERASSI, 1990). Posto isto, o presente texto encontra-se no segundo momento da obra de Sartre, o ontológico existencial, em busca de compreender a angústia em Sartre até o ano de 1943, e mais precisamente ao longo de suas obras correspondentes à sua ontologia fenomenológico-existencial.

Este artigo é oriundo uma revisão narrativa, que consiste em um método que utiliza de fontes de informações bibliográficas ou eletrônicas, afim de obter pesquisas de outros autores para fundamentar teórica e cientificamente o texto, nesta metodologia o texto é amplo, descrevendo e discutindo o assunto, sob o ponto de vista teórico ou contextual (ROTHER, 2007). E para tanto utilizaremos das obras do próprio autor, outras obras contemporâneas que pensam a psicologia inspirada em Sartre e outros artigos científicos e filosóficos que visam contribuir para com a temática proposta a sua respectiva reflexão.

Ao longo do seu desenvolvimento intelectual, Sartre compreende a angústia como algo intrínseco ao ser humano frente as possibilidades de decisão e de liberdade que também é um conceito fundamental para a compreensão do seu pensamento.

Para o filósofo, a angústia estará sempre presente frente as possibilidades de existência, que são possíveis diante a liberdade, já que esta é uma condição para o referido autor. Em cada escolha o ser estará em liberdade, uma liberdade que é uma condição ontológica e humana, mas também, situacional, de acordo com a vivência de cada sujeito. Assim, independente da circunstância, o sujeito fará escolhas sobre aquilo que vivência e possui. Nessa perspectiva, até mesmo abster-se de fazer uma escolha, já é também uma escolha.

A angústia é derivada da tomada de consciência do ser diante a liberdade, o que ocasiona muitas possibilidades sem nenhuma determinação. Não há determinismo nem natureza humana na obra do existencialista. A angústia se diferencia do medo na medida em que o medo é ocasionado por algo externo, algum objeto ao qual temer, já a angústia é frente ao futuro a se construir, não há um objeto que ocasione a angústia (BORGES *et al*, 2011).

No que se refere a prática clínica quando o cliente chega ao psicoterapeuta que trabalha com a psicologia existencial, o profissional irá perceber a angústia se manifestando através de condutas paralisantes tomadas pelo cliente, que guiam o sujeito nas tomadas de decisões ou falta delas. Este sujeito pode estar considerando que ao não tomar a atitude ele não precisa fazer escolhas e está no controle (BORGES *et al*, 2011).

Quando um psicólogo existencial encontra essa questão em sua clínica, ele buscará intervir para que o sujeito angustiado alcance a sua tomada de consciência, primeiramente reconhecendo sua situação atual. A busca é para que o cliente aja no mundo de forma mais autêntica e decisiva sobre a sua própria existência, empoderando-se ou não. Mas a atitude do profissional é de buscar libertação para o sujeito, a fim de criar novas possibilidades sobre a existência (BORGES *et al*, 2011).

Além da discussão sobre a prática clínica do psicólogo existencialista frente a angústia, ao longo deste artigo busca-se compreender o existencialismo e o existencialismo sartreano, verificar a produção de conteúdo sobre a angústia no pensamento do filósofo dentro da psicologia existencial no Brasil, o que é importante pois como veremos a frente Sartre estava disposto a contribuir com a psicologia, pois era crítico daquilo que se era aplicado e ensinado em sua época. Mas mesmo que o existencialista tenha se proposto a criar uma “psicanálise existencial”, a maioria das confecções de pesquisas sobre o mesmo se dão no âmbito da filosofia.

Ao realizar as buscas por artigos que contribuam com o presente trabalho é notável que é possível trabalhar a angústia em Sartre nas pesquisas em psicologia para além da própria conceituação do termo. Vemos a possibilidade de correlacionar o conceito do autor com temáticas importantes para a psicologia e que são bastante discutidas na sociedade atual, como por exemplo, o suicídio e ansiedade.

Por fim, veremos como a angústia existencial contemporânea é trabalhada dentro do contexto da psicoterapia existencial que é embasada pelo existencialismo.

2. O existencialismo sartreano

O existencialismo como corrente filosófica surge em meio a uma crise política, social, econômica, moral e financeira após a Segunda Guerra Mundial, em um contexto de sequelas do conflito por toda a Europa. A população, e principalmente a juventude, foram atingidas pelo desânimo e o desespero causados pela descrença nos valores burgueses tradicionais e também na capacidade do homem solucionar de forma racional as contradições da vivência em sociedade (PENHA, 2001).

Essa corrente filosófica tem sua criação associada ao filósofo Soren Kierkegaard (1813-1889), o qual é considerado o pai do existencialismo, no entanto, o termo propriamente dito só foi cunhado nos anos de 1940 pelo também filósofo Gabriel Marcel (1889-1965). Contudo, o pensamento existencialista só foi difundido com maior relevância na Europa e fora por Sartre, Simone de Beauvoir (1908-1986) e Albert Camus (1913-1960).

O existencialismo foi a corrente filosófica mais discutida nas décadas de quarenta e cinquenta do século XX e de acordo com Penha (2001), suas concepções podiam ser definidas como um conjunto de ideias que pensam a existência humana e sua busca como ser. Porém, num contexto em que ainda estava em processo de disseminação, o termo acabou sendo empregado de forma equivocada pelos franceses, algumas pessoas faziam uso da palavra como se ela fosse um sinônimo daquilo que inflige às regras, uma linha divisória entre o certo e o errado (PENHA, 2001). Em *o Existencialismo é um Humanismo*, Sartre exemplifica esse processo ao citar que uma senhora chega até ele e ao utilizar-se de uma palavra que considerava vulgar desculpou-se, dizendo: “Acho que estou ficando existencialista” (SARTRE, 2014, p. 21).

Jean Beaufret (1907-1982), crítico francês, salientou em um ensaio dedicado ao tema que ao ser pronunciada a palavra existencialismo, o que se ouve primeiro é existência, o sufixo indicaria que o existencialismo é uma doutrina. Segundo Penha (2001, p. 11), “O

existencialismo é uma doutrina filosófica que centra sua reflexão sobre a existência humana considerada em seu aspecto, particular, individual e concreto”.

Porém, a denominação “existencialismo” é rejeitada por alguns seguidores do movimento existencialista, estes, preferem utilizar a expressão “filósofos da existência”. No entanto, compreender o existencialismo somente a partir de termos etimológicos pouco esclarece este movimento filosófico, como também pode falsear a afirmação de que nenhum filósofo anterior a estacorrente analisou a e existência humana (PENHA, 2001).

Sartre (2014, p. 23) afirma que há dois tipos de existencialistas, aqueles que se colocam comocristãos e aqueles que se dizem ateus. Ainda segundo o filósofo, o que eles teriam em comum é o fatode considerarem que “a existência precede a essência”. O intelectual também considera que o existencialismo é uma doutrina que torna a vida humana possível, para ele, toda verdade e toda ação, implicam um meio e uma subjetividade humana (SARTRE, 2014).

As filosofias existencialistas são compostas por contribuições pessoais dos autores devido a sua natureza e suas temáticas e por isso há vários tipos de existencialismo, cada corrente existencialista corresponde ao seu autor, a diferença entre cada um se faz justamente por que a filosofia de cada escritor terá sua visão individual dos problemas humanos e as particularidades da vida experienciada pelo filósofo. Outros grandes filósofos existencialistas ou considerados existencialistas foram Heidegger (1889-1976), Merleau-Ponty (1940-1961), Karl Jaspers (1883- 1969), Richard Wright (1908-1960), entre outros(as), estes sofreram influências de intelectuais como Dostoiévski (1821-1881), Nietzsche (1844-1900), Unamuno (1864-1936), Kafka (1883-19240), Bergson (1859-1941) e muitos outros.

Sartre reuniu contra si forças que variavam de grau de acordo com as conveniências políticasde cada grupo em determinado momento, além dos ataques a obra, a pessoa do dramaturgo também era atacada até mesmo por setores ideológicos que defendia naquela época (PENHA, 2001).

Os jornais de direita descreviam sua obra como a mais ofensiva e degradante a um ser humano. Enquanto órgãos do partido comunista, que era defendido pelo intelectual até então, o definiam comoum filósofo esotérico, um dramaturgo em busca de escândalo e demagogo do terceiro regime (PENHA, 2001).

O autor João da Penha (2001) enfatiza que a presença de Sartre no movimento existencialistafoi fator importante para a difusão do existencialismo para além das fronteiras do continente europeu, nesse sentido, o intelectual teve presença decisiva e sem ele dificilmente o existencialismo se difundiria por outros locais.

Na obra de Sartre, um dos conceitos mais importante é a noção de liberdade, para o autor, liberdade é existência, e nela, a existência precede a essência (SARTRE, 2015), ou seja, para ele não há uma essência que definirá as ações do ser, a essência se molda durante a existência, enquanto o ser vive ele precisará fazer decisões e diante a liberdade escolher suas ações, o ser só será algo concreto ao morrer, pois não estará diante situações de liberdade. Dessa forma, o existencialismo sartreano não crê em essência intrínseca desde antes o nascimento, não crê em destino ou em uma natureza humana.

Quando Sartre afirma que a existência precede a essência, isso quer dizer que o homem primeiramente precisa existir e que ao longo da sua existência, este homem se descobre e com isso, define-se a si mesmo. Mas esta discussão de Sartre se faz de forma ética, e busca trazer uma reflexão concreta da realidade, a conceituação de Sartre sobre a liberdade traz noções que contrariam uma visão subjetivista pois disserta sobre o caráter ético da liberdade, ou seja, da responsabilidade implícita ao ser livre, responsabilidade que também recai sobre o outro, não sendo apenas individual.

Ao dissertar sobre a liberdade, é necessário dizer que dentro da doutrina existencialista o conceito de liberdade não é o mesmo empregado no senso comum, no qual, o conceito é associado a noção de livre arbítrio. Para o pensador, a liberdade é a ação, mas ação que se faz conjunta da responsabilidade, isso se comunica com a sua frase “a existência precede a essência”, pois é através da liberdade que o ser age e faz escolhas para então definir-se, as formas de ação sempre partem da liberdade, liberdade que é intencional (SARTRE, 2015).

Ao escolher por si, cada homem também escolhe por todos os homens, todos os atos que criam o homem que se deseja ser consequentemente também cria a imagem do homem que se julga como aquilo que o homem deve ser (SARTRE, 2014, p. 27):

Se a existência além do mais, precede a essência, e nós queremos existir ao mesmo tempo em que moldamos nossa imagem, tal imagem é válida para todos e para nossa época inteira. Assim nossa responsabilidade é muito maior que poderíamos supor, pois ela envolve a humanidade como um todo.

Na visão sartreana, em certo sentido, a escolha é sempre possível, mas não escolher é impossível, por isso o ser só é concreto em sua finalidade onde não há mais possibilidades de escolha: “De fato somos uma liberdade que escolhe, mas não escolhemos ser livres, estamos condenados a liberdade” (SARTRE, 2015, p. 183).

Aqui, se leva em consideração que “só é possível ser livre em relação a tal estado das coisas e apesar desta, a situação condiciona a liberdade” (SARTRE, 2015, p. 598). No entanto, há uma ressalva, essa liberdade só se faz em situação, visto que uma pessoa está sempre agindo, sendo livre diante as suas possibilidades, levando tudo em consideração, como condições econômicas, classe social, o meio ao qual se está inserido e suas próprias vivências e experiências, desse modo, é de acordo com todas as condições em que se está inserido naquele local e momento que o ser agirá em liberdade. As possibilidades podem ser maiores ou menores, mas ainda assim fazer escolhas é algo impossível de fuga.

Numa leitura desatenta da obra de Sartre, onde o autor coloca a liberdade como algo intrínseco a todos os seres humanos, o leitor poderia compreendê-lo de forma errônea, dando a essa formulação um sentido meritocrático, associando, por exemplo, com um comum pensamento da atualidade “o seu futuro só depende de você”. Mas, no pensamento de Sartre - como já foi visto anteriormente-, a liberdade se faz em situação pois existem possibilidades diante quaisquer que sejam as situações, mas as possibilidades se fazem de acordo com a realidade humana, a subjetividade de cada sujeito e todos os demais fatores, podendo eles ser de origem econômica, social, política ou cultural.

As próprias vivências e experiências também influenciam na liberdade do ser juntamente com a responsabilidade sobre o outro. Não existe um determinismo, mas existem fatores que interferem sobre a liberdade de cada um, a liberdade é situacional, o projeto de ser não se faz em um modelo meritocrático.

No que se refere à noção de angústia, esta popularmente é associada a um sentimento, caracterizando-se por abafamento, inseguranças, falta de humor, ressentimento e dor, entretanto, para Sartre (2015), a angústia surge diante a liberdade, da necessidade de fazer escolhas e suas consequências. Ao fazer essas escolhas o ser angustia pois sente-se arremessado em meio a responsabilidades: “É na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade, ou se prefere, a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência de ser; é na angústia que a liberdade está em seu ser, colocando-se a si mesma em questão” (SARTRE, 2015, p. 72).

3. Angústia no existencialismo sartreano

O conceito de angústia em Sartre é influenciado pelas noções de angústia de Kierkegaard em sua obra *O Conceito de Angústia em Kierkegaard (1844)* e também de Heidegger em *o Ser e o Tempo(1927)*, porém o intelectual não adere a teologia cristã kierkegaardiana e nem a compreensão heideggeriana da temporalidade autêntica, as contribuições sobre a noção de angústia de Sartre podem ser consideradas como um eixo central entre esses dois autores que o influenciaram (CASTRO, 2020). No que diz respeito à diferenciação entre angústia e medo, Sartre (2015, p.73) concorda com a formulação de Kierkegaard na medida em que considera que o “medo é medo dos seres do mundo, e angústia é diante si mesmo”. O intelectual considerava tanto as colocações de Kierkegaard (angústia antes da culpa, frente a liberdade) quanto as de Heidegger (captação do nada) mas para ele a angústia e o medo precisavam ser pensados através do tempo existencial (CASTRO, 2020).

O filósofo francês discorre sobre a angústia exemplificando-a frente ao futuro, isto é, o medo da reação diante a um precipício. O filósofo aborda que “a vertigem é angústia na medida em que tenho medo, não de cair no precipício, mas de me jogar nele” (SARTRE, 2015, p. 75) esta situação ameaça modificar de fora vida e ser, provoca angústia na medida em que se desconfia que as reações não serão adequadas, neste exemplo, a reação “não adequada” seria jogar-se no precipício (SARTRE, 2015). O medo ocasionado pela angústia então não seria o de cair acidentalmente no precipício, mas sim de ter uma reação inadequada frente a ele, a angústia seria decorrente da desconfiança das próprias reações frente a uma situação.

Diante às possibilidades, o ser livre tem medo de não ter a reação que seria a mais adequada socialmente frente a uma determinada situação, no caso do exemplo citado por Sartre, o temor sobre a ideia de se jogar do precipício. O que diferencia o medo da angústia é que o medo é sempre sobre algo externo, fora do ser, enquanto a angústia é algo do próprio ser, diante si e da realidade humana, apesar de haver situações em que o medo e angústia podem aparecer juntos como no exemplo citado. Na obra de Sartre (2015, p. 183), “[...] o ser está condenado a ser livre”, ou seja, assim como a liberdade, a angústia não é apenas um sentimento, mas uma condição. Nesse sentido, o ser humano está condenado a angustiar-se, a angústia que emerge frente as possibilidades não está fora do ser, o ser é angústia. Quando há a tomada de consciência de que não há algo que anteceda a essência e que existe uma busca pelo projeto de ser ao longo de toda a existência, a angústia é atravessadora mesmo com a liberdade perante o próprio projeto de ser e também frente as responsabilidades da realidade humana, responsabilidade que também recai sobre o outro. Assim sendo, o ser vivencia duas condições que se relacionam intimamente uma com a outra.

Em relação ao projeto de ser, citado anteriormente, é preciso compreender que este também é um dos conceitos da obra de Sartre. Conceito diretamente ligado a sua proposta de construção de uma nova psicologia, disciplina pela qual o literato possuía bastante interesse. Originalmente pro-jeto, queria dizer, que se define por seu fim, novamente o pensando de que o homem não é determinado a ser este ou aquele (EHRLICH, 2002).

Como dito anteriormente, o filósofo francês compreendia a angústia frente ao tempo existencial, essa temporalidade seria a angústia ante o futuro e a angústia ante o passado, dessa forma, assim como a angústia ante o futuro, que é citada no exemplo anterior por Sartre, também há a angústia ante o passado (SARTRE, 2015). Nesse caso, a angústia se relaciona com as dificuldades e os arrependimentos sobre decisões que já foram tomadas, um exemplo também dado por Sartre em sua obra “é a do jogador que livre e sinceramente decidiu parar de jogar e, ao se aproximar do “tapete verde”, vê “naufragarem” suas decisões” (SARTRE, 2015, p. 76). A angústia ante o passado o fez perceber que nada o impedia de jogar, esta angústia é ele pois o conduz a existência como consciência de si, ele não é mais aquele passado e aquela decisão.

Seria inútil objetar que essa angústia depende da ignorância do determinismo psicológico subjacente: eu ficaria ansioso por desconhecer os movimentos reais e eficazes que, à sombra do inconsciente, determinaram minha ação. Responderemos, em primeiro lugar, que a angústia não surgiu como prova da liberdade humana, a qual nos aparece como condição necessária à interrogação. Queríamos apenas mostrar que existe uma consciência específica de liberdade e essa consciência é a angústia. Buscamos entender a angústia, em sua estrutura essencial, como consciência de liberdade (SARTRE, 2015, p. 77).

Sartre (2015) considera que o ser sente o medo da morte, mas por muitas vezes ele tem medo de sentir este medo visto que essa condição não se trata de uma possibilidade, pois a morte ocorrerá para todos os seres, o que ocasiona a angústia diante de si mesmo. Mas, para o filósofo também é apenas na morte que o ser deixa de angustiar-se, somente aí não será mais preciso estar diante das possibilidades e além disso fazer escolhas frente às mesmas, a angústia estará presente diante de toda a existência. Mas, o pensador não considera que a morte dê um sentido à finitude, mesmo que a imortalidade corpórea fosse uma possibilidade real, a angústia ainda seria presente (CASTRO, 2020) mas aí por toda a eternidade.

Apesar da angústia ser um sentimento tão intrínseco ao ser humano, todos ao sentirem tentam fugir dessa sensação. Seja leve ou intensa, sentir-se angustiado sempre é sentido como um incômodo, mas ao compreender a angústia em Sartre é considerável que é impossível viver uma

vida sem resquícios da angústia, o sentimento de angústia não pode ser banalizado como também não pode ser tratado como algo fora da realidade humana, pois sentir a angústia é algo natural.

A vida é uma ameaça iminente, pois tudo é possível e tudo pode acontecer, do pior ao melhor, o sujeito sempre estará repleto de possibilidades e fazendo escolhas diante “boas e más” condições que o trará ainda mais angústia, é necessário que cada ser tenha consciência disso.

Deve haver para o ser humano, enquanto ele é consciente de ser, uma certa maneira de se manter em face de seu passado e de seu futuro como sendo, ao mesmo tempo, esse passado e esse futuro como não sendo. Nós podemos fornecer a essa questão uma resposta imediata: é na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade ou, se preferirmos, a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência de ser, é na angústia que a liberdade é no seu ser em questão ela mesma”. (SARTRE, 2015, p. 72).

Falando sobre o outro, há uma famosa frase escrita por Sartre em seu romance *Entre Quatro Paredes* (2005), onde o autor acentua que “o inferno são os outros”, apesar de ser um mal necessário pois “O outro é o mediador indispensável entre mim e mim mesmo (SARTRE, 2015, p. 290). A visão sobre o outro ou a visão do outro sobre o ser pode influenciar sua forma de exercer sua liberdade.

Tudo que vale para mim, vale para o Outro. Enquanto tento me livrar do domínio do Outro, o Outro tenta se livrar do meu, enquanto procuro subjugar o Outro, o Outro procura me subjugar não se trata aqui, de modo algum, de relações unilaterais com um objeto-em-si, mas sim de relações recíprocas e moventes. As discrições que se seguem devem ser encaradas, portanto, pela perspectiva dos conflitos. O conflito é o sentido originário do ser-para-outro” (SARTRE, 2015, p. 454).

O indivíduo pode usar de sua liberdade para moldar seu projeto de ser levando em consideração os olhares do outro sobre ele, ou se modelar a forma que o outro se modela. Ele exerce sua liberdade, mas não pensando apenas em si mesmo. Isso em diversas situações, como o caso dos filhos que seguem carreiras por causa dos pais, pessoas que seguem estilos de vida que não gostam para agradar os demais, pessoas que se submetem a procedimentos estéticos sem realmente achar necessário, mas sim para seguir um determinado padrão de moda e beleza e vários outros conflitos visíveis nas relações humanas contemporâneas que se justificam sobre o olhar do outro.

Levando em consideração essas reflexões oferecidas pelo pensamento sartreano, depreende-se que este pode contribuir enormemente com a psicologia clínica, pois é possível que pacientes cheguem à clínica queixando-se sobre a angústia sentida e as reflexões de Sartre poderão ajudar no sentido de tratar a angústia como algo natural até determinado ponto, fazendo com que o paciente chegue a consciência disso e de si mesmo. Todavia, não se pode banalizar o sentimento da angústia, pois ela é presente na vida de todo o ser humano, mas não pode tornar-se um sentimento limitante durante o cotidiano, é necessário reconhecer que este sentimento pode atingir um caráter patológico, mas o pensamento sartreano sobre a angústia pode auxiliar o paciente que passa por este processo ou até mesmo para que ele não atinja um nível debilitante.

As pesquisas no campo da psicologia existencial mostram que o conceito de angústia dentro da obra do autor pode ser explorado para além da sua própria conceituação, ou seja, não somente explicando o que é a angústia para Sartre, seu conceito mostra-se também aplicável a prática, fazendo correlações com temas importantes para à área da psicologia, temáticas que também são presentes no contexto da psicologia clínica.

4. A noção de angústia na produção do conhecimento em psicologia existencial

Em buscas gerais, à exemplo, das pesquisas feitas na própria ferramenta de pesquisa do *Google* em indexadores de pesquisas, utilizando dos termos-chaves: angústia; Sartre; sartreano, os artigos levantados voltavam-se, em geral, para uma compreensão do conceito e foram em sua maioria, escritos por estudantes ou profissionais da área da filosofia. No entanto, ao pesquisar em base de dados como Pepsic, SciELO e Portal de Periódicos CAPES, os mesmos termos, acrescentando o descritor “psicologia”, não foram encontrados muitos artigos que tenham a temática da angústia como objeto de análise. Uma exceção foi apenas o Google Acadêmico, onde foi encontrado alguns trabalhos que abordam a temática, mesmo assim, ainda aquém do esperado.

Um dos artigos levantados tem como título *Angústia e ansiedade: um esboço histórico-conceitual e uma perspectiva sartreana*, onde os autores definem a angústia como sendo caracterizada pela inquietação ontológica e pelo receio difuso, sem aparentemente, ter um objeto determinado (BORIS & BARATA, 2017). Ao longo do artigo, os autores discorrem sobre a angústia em alguns intelectuais existencialistas e logicamente a angústia para Sartre, em uma tentativa de aproximação entre este, Kierkegaard, Freud e Heidegger. O artigo aborda como a

angústia se manifesta nos quadros de ansiedade, podendo ser também um dos fatores causadores, tudo isso na contemporaneidade, trabalhando também o conceito de má-fé, outro conceito da obra de Sartre, que a iguala a uma mentira, mas uma mentira a si mesmo, a má-fé seria alguma negação de determinada atitude para si mesmo (SARTRE, 2015).

Em um outro artigo publicado em uma revista eletrônica científica de Psicologia intitulado *Ohomem e a angústia existencial em Jean-Paul Sartre*, os autores ao tecerem sobre a angústia, trazem toda a noção sartreana de liberdade diante a angústia. Definem que no pensamento do intelectual a preocupação existencial surge do fato de o indivíduo ter que fazer escolhas frente a um leque de possibilidades. Isto pode gerar no sujeito a angústia simples, que é ocasionada pela responsabilidade diante as opções, pois o mesmo responde por elas, não podendo culpar o outro por suas glórias ou fracassos (PEREIRA & MELLO, 2014).

Entre os artigos levantados, foram encontrados textos que trabalham também a temática do suicídio. O artigo intitulado *O suicídio sob a ótica ontológica existencial sartreana*, tem como objetivo abordar a angústia como ato determinante no ato do suicídio quando culminado no desespero e também nas psicopatologias (SILVA, KLOSOWSKI & BARSZCZ, 2020). O outro artigo que trata do suicídio, chama-se *A decisão de tentar o suicídio sob a lente fenomenológico-existencial* e versa sobre a escolha entre viver ou morrer através da vivência de liberdade e angústia (MING-WAU; BORIS; MELO; SILVA 2020).

Sartre em *O Ser e o Nada* (2015), quando está escrevendo sobre a angústia em um exemplo já citado anteriormente, o do precipício, trata a angústia como também derivada de uma conduta suicida, o suicídio faria cessar a angústia. Ao percorrer o abismo com os olhos de alto a baixo, pensa-se sobre a possível queda, realizando-a simbolicamente como um “possível”, esse possível faz surgir motivos prováveis para adotá-lo (SARTRE, 2015).

Mas, esses motivos são apenas um possível, sendo ineficazes, não determinantes o que não produz o suicídio, assim como o horror à queda por si só não pode determinar evitar o mesmo (SARTRE, 2015). É possível observar que pesquisadores da temática já conseguem correlacionar a angústia dentro da obra sartreana com a clínica psicológica. A ansiedade, o suicídio e a angústia na contemporaneidade já são trabalhadas através do conceito na obra do autor, essas temáticas são importantes não somente para a psicologia clínica, mas também para a sociedade atual, nesse aspecto, as contribuições do autor permitem uma diferente ótica sobre as questões.

Com isso, ao realizar uma breve pesquisa sobre o conceito de angústia na obra sartreana, é perceptível sua importância, mas correlacionando com temáticas importantes dentro do campo

da psicologia, como visto acima já existe possibilidade para isso como com as noções de ansiedade e suicídio.

A ansiedade e o suicídio são temas pertinentes dentro de uma clínica psicológica. E ao ver as discussões feitas por pesquisadores das temáticas dentro da área da psicologia existencial utilizando-se da obra de Sartre, vemos a possibilidade de correlacionar o existencialismo sartreano com a psicologia clínica, já que esse era um dos interesses do autor. Também é importante estudar a obra de Sartre com o objetivo de aprofundar suas contribuições para a psicologia visto que a maioria dos estudos se voltam para a área filosófica.

5. Relações entre o existencialismo de Sartre e a clínica psicológica

A obra de Sartre é muito trabalhada na academia no campo da filosofia, mas as contribuições para a psicologia que era um de seus interesses não é assim tão explorada, mesmo com a possibilidade de correlação entre suas colaborações e as temáticas pertinentes à psicologia.

O filósofo francês, desde o início de seus estudos já compreendia a importância da ciência psicológica. Ciência que era um dos alicerces do saber antropológico moderno, do conhecimento e postulação acerca do homem, suas características e as possibilidades de ser. Mas o filósofo se colocava contra as concepções antropológicas e psicológicas dos valores pequeno-burgueses que sustentavam a Europa naquele período, considerada a racionalidade dominante (SCHNEIDER, 2011).

Ainda, segundo a autora, Sartre sempre teve a intenção de elaborar uma psicologia, essa intenção se deriva de vários fatores, como, o seu repúdio à sociedade burguesa devido aos hábitos e valores, que também o fazia repudiar a lógica psicológica com sustentação e apego ao individualismo e ao perfil de “homem sério”, como eram chamados os que deixavam-se ser regidos pela moral a priori. Outro fator importante nesse processo, foi seu estudo de psicologia no curso de filosofia (SCHNEIDER, 2011). O dramaturgo começou sua escrita teórica formulando proposições para a psicologia, mas voltou-se à filosofia e à ontologia pela necessidade técnica de fundamentar seus estudos sobre a psicologia. Apesar de ser conhecido pelo seu perfil filosófico, foi também um pesquisador sistemático do saber psicológico, e sua obra técnica tem boa parte voltada para este campo (SCHNEIDER, 2011).

Entre os psicólogos, mesmo a psicologia de Sartre, em seu conjunto, é desconhecida e pouco valorizada; estudam nele certas temáticas, como a noção de projeto, de liberdade, etc., entendidas como contribuições filosóficas de Sartre à área. Poucos, porém, compreendem a relevância desse autor na problematização do cerne da disciplina psicológica. Essa relevância encontra-se na exposição de uma psicologia em moldes totalmente diversos dos até então existentes, ao propor a superação de uma série de dificuldades e impasses presentes no âmago das formulações da psicologia empírica e da psicanálise freudiana (SCHNEIDER, 2011, p. 18).

Existem muitos trabalhos no Brasil que discutem a obra do existencialista, muitos desses trabalhos discutem inclusive, a psicologia e a psicanálise existencial do autor, porém, sob um ponto de vista filosófico. Apesar disso, de acordo com Schneider (2011), o projeto fundamental do trabalhotecnico de Sartre foi a reformulação da psicologia.

O referido existencialista conhecia bem a teoria psicanalítica e sua prática clínica. Considerava-a uma contribuição importante para o conjunto das ciências do homem, principalmente pelo enfoque na questão da significação dos atos humanos em um conjunto cultural amplo, entretanto, tecia críticas ao caráter metafísico da psicanálise (SCHEINEIDER, 2011).

O interesse do escritor pela área da psicologia deu-se pela filosofia, que naquele momento era a formulação destinada aos que se entusiasmavam com a disciplina, pois ainda não haviam cursos de psicologia e os psicólogos daqueles dias eram ou filósofos que investigavam os sujeitos humanos ou médicos psiquiatras com uma postura mais voltada à psicologia do que à neurologia (SCHEINEIDER, 2011).

Beauvoir, escritora, filósofa, intelectual e grande companheira de Sartre, relata que o grande interesse do literato era antes de tudo, as pessoas. A psicologia analítica ensinada na universidade de Sorbonne onde Beauvoir e Sartre foram estudantes, era considerada por ele ultrapassada, seu desejo era o de opor a este modelo, trazendo uma compreensão correta e sintética dos indivíduos (BEAUVOIR, 1961 *apud* Ehrlich, 2002).

Segundo Schneider (2011), foi entre os anos 1930 e 1940 que o pensador elaborou boa parte de sua psicanálise existencial ao propor uma metodologia para a psicologia em sua obra *O Ser e o Nada*. Neste período, a psicologia clínica ainda não havia surgido oficialmente, o modelo clínico daquela época era fortemente marcado pelos psiquiatras com posturas voltadas para a neurologia. É por isso que Sartre propõe uma “psicanálise existencial”, não por concordar com a prática da psicanálise criando apenas adaptações ao existencialismo, mas pela psicanálise ser o único modelo de psicologia clínica em sua época, o único que conhecia e por

isso a utilização do termo psicanálise, o método do intelectual para a psicologia voltava-se também para a clínica.

Em seus estudos o escritor defronta-se com uma questão técnica séria, ele constata que não conseguiria revolucionar a psicologia como queria sem refazer as bases filosóficas da disciplina, seria então necessário construir uma nova ontologia, que viabilizasse a realidade do homem de uma nova perspectiva, diferente da vigente (SCHNEIDER, 2011).

É durante a guerra, na qual Sartre vai de soldado encarregado a prisioneiro, que ele inicia as primeiras ideias de sua ontologia, trazendo novamente algumas reflexões já utilizadas em seu livro *La psyche* (SCHNEIDER, 2011). A obra *O ser e o Nada* contém diversas discussões sobre a psicologia, a exemplo do homem-no-mundo, a temporalidade psíquica, as relações com o projeto de ser, a liberdade humana, etc., principalmente no capítulo “psicanálise existencial” (SCHNEIDER, 2011).

Ao estudar os escritos de Sartre, Schneider (2011) conclui que a ciência psicológica deve investigar as condições de possibilidade dos fenômenos de ordem psicológica, considerando-os em suas essências específicas e seus significados. A psicologia clínica em seus métodos e procedimentos, deve investigar quais as condições de possibilidade para um sujeito ser quem ele é, compreendendo todo o conjunto de fenômenos.

A personalidade do existencialista deixa claro como ele considera que um fenômeno resulta da dialética entre objetividade e subjetividade. As condições de possibilidade de alguém se constituir como sujeito em relações concretas, tem como fatores estar inserido em uma situação, uma cultura, classe social, condição material e o sistema de racionalidades que o influenciam. O segundo momento da clínica é a elaboração da problemática do paciente (SCHNEIDER, 2011).

Para a autora, é a partir desta compreensão que se faz possível realizar o planejamento da intervenção e execução, processos que possibilitaram uma crítica dos resultados e uma avaliação das intervenções realizadas. É dessa forma que se caracterizaria uma clínica que deseja seguir os padrões sartreanos.

Um psicólogo que tem um olhar sartreano para atender dentro de sua clínica psicológica, trabalha com a psicoterapia existencial que é embasada pelo existencialismo. A psicoterapia existencial nasce de uma relação entre a visão de homem livre e responsável pelo que é da relação, “proveniente da psicoterapia, em que há uma disposição de estar junto, a fim de o psicoterapeuta intentar compreender como se constrói uma dada existência individual, do cliente que a ele se apresenta” (NICOLAU, 2007 *apud* Borges *et al*, 2011, p. 226).

A psicoterapia existencial é considerada um processo em que o indivíduo busca a libertação, neste processo está envolto psicoterapeuta e cliente em uma relação de ajuda, o comprometimento do psicoterapeuta é o de estar junto com o cliente na busca de encontrar novas possibilidades na existência, o sujeito é compreendido em sua singularidade e respeitado em sua vivência. (BORGES *et al*, 2011)

Nesta abordagem o foco não é encontrar uma patologia, mas sim captar a pessoa no mundo. Quando há uma patologia, ela é encarada como uma vivência inautêntica do sujeito (NICOLAU, 2007 *apud* Borges *et. al*, 2011).

Segundo Angerami e Feijoo (1999 *apud* Borges *et. al*, 2011), a angústia acontece após um temor vivenciado pelo sujeito diante as possibilidades de escolher sem saber se está fazendo as melhores escolhas. Na psicoterapia o cliente expressa sua angústia em condutas paralisantes, essas atitudes aprisionam e impedem o indivíduo de seguir determinados caminhos e tomar certas atitudes.

O cliente pode, como foi abordado anteriormente, ter a ideia de que não escolhendo ele não correrá riscos e estará sempre no controle. E com isso, o indivíduo cria várias justificativas para impossibilitarem suas escolhas, seja por medo ou pânico. Mas, até mesmo esta atitude já é uma escolha, a escolha de escolher entre outras coisas e criar algo que justifique isso (BORGES *et. al*, 2011).

Quando o psicoterapeuta encontra o cliente angustiado, a sua atuação estará voltada para promover a ampliação da vivência de angústia, através disso o sujeito pode encontrar com novas e reais possibilidades de tudo aquilo que ele vem negligenciando, a busca é pela tomada de consciência das possibilidades, será uma decisão sobre permanecer paralisado ou assumir sua liberdade e agir (ANGERAMI E FEIJOO, 1999 *apud* Borges *et. al*, 2011).

Quando o cliente manifesta o fenômeno da angústia o psicoterapeuta precisa compreender como o cliente vivencia este fenômeno, como é a angústia para aquele determinado sujeito, o que é sentir-se angustiado para ele, o profissional deve atentar-se para as descrições sobre a vivência da angústia, as sensações e sintomas derivados dela (BORGES *et. al*, 2011).

Por fim, o objetivo da psicoterapia existencial sobre o fenômeno da angústia é conduzir o cliente a reconhecer a sua condição atual e se ver como o responsável por seus atos e com isso assumir uma postura mais autêntica e decisiva sobre a sua existência (BORGES *et. al*. 2011).

6. Conclusão

Este trabalho buscou abordar a noção da angústia na obra de Sartre, principalmente no tocante às suas contribuições para a psicologia. Durante a construção desse artigo foi possível perceber que o conceito de angústia na obra do autor pode ser trabalhado além da compreensão do conceito, mas aplicando-o em temas pertinentes da psicologia. Como visto durante o trabalho, alguns pesquisadores já buscam essa correlação com temáticas importantes para a área, como a ansiedade, o suicídio na contemporaneidade.

Também foi visto durante a construção do artigo, as contribuições do filósofo para a psicologia clínica e como esta temática dentro de sua obra ainda parece não ser abordada devido ao fato de que as temáticas do intelectual são mais exploradas no campo da filosofia e não tanto no campo da psicologia.

As considerações feitas durante a construção do artigo, evidenciam que Sartre possuía grande interesse em realizar um novo método para a psicologia e também era grande crítico da psicologia e psicanálise de sua época, o interesse do autor fez com que ele discutisse um novo método em sua obra *O ser e o Nada*, que contém um capítulo para aquilo que ele intitula como “psicanálise existencial”. Em *O Ser e o Nada*, Sartre também trata bastante sobre a temática da angústia, sendo este então, um pilar dentro de sua obra no que diz respeito a sua tentativa de propor uma nova psicologia. Conseguimos observar que em uma clínica existencial as considerações de Sartre sobre a angústia vêm sendo importantes frente à diversas situações, como visto anteriormente.

As contribuições de Sartre para psicologia clínica parecem ainda não estar esgotadas, especialmente o seu conceito de angústia, temática deste trabalho, pode contribuir para a ótica do profissional de psicologia que se propõe a trabalhar com a psicologia. Esta temática ainda pode ser melhor desenvolvida, pensando na angústia como um assunto emergente na clínica, a possível contribuição da angústia em Sartre e outras temáticas importantes dentro do campo da psicologia e a própria compreensão do conceito dentro de uma obra tão extensa como *O Ser e o Nada*.

Do mesmo modo, esses processos podem ser melhores pensados, até mesmo em trabalhos que para além do método sartreano, discutam também os porquês de suas críticas aos outros métodos existentes na época, bem como se suas reflexões sobre determinadas abordagens ainda se fazem necessárias nos dias atuais ou já foram superadas.

O presente texto teve a intenção de compreender a noção de angústia em Sartre e sua respectiva contribuição para a Psicologia clínica, perpassando brevemente pela história do existencialismo sartreano e da vida do autor. Este trabalho se faz importante por abordar um tema que pode ser melhor explorado, tratando a importância de considerar as contribuições de Sartre não somente como filósofo, mas como alguém que se propôs com grande interesse a propor um novo método para a psicologia.

Sartre pode proporcionar, através de seus escritos, um modo de olhar influente para psicólogos e contextos clínicos, não somente sobre a angústia, mas todas as suas correlações com demais conceitos e situações da sociedade. Mesmo que o autor não tenha efetuado esse papel propriamente dito, de terapeuta, os psicólogos que se utilizam de sua teoria exploram em um contexto prático do cotidiano, pois Sartre se propôs na criação de uma nova proposta.

REFERÊNCIAS

BORGES, J. A.; VIEIRA, A. J.; BONFIN, F. L.; CERVINHANI, R. Angústia existencial contemporânea e sua expressão em psicoterapia. **Akrópolis**, Umuarama, v. 19, p. 221-228, out./dez. 2011. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/view/4270/2649>. Acesso em: 10 jul. 2021.

BORIS, B. J. D. G.; BARATA, A. Angústia e Ansiedade: um esboço histórico- conceitual e uma perspectiva sartreana. *In*: CASTRO, F. C. L. de; NORBERTO, M. S. (Orgs.). **Sartre hoje**. Volume 2. Porto Alegre: Fi, 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/35418790/Ang%C3%BAstia_e_Ansiedade_um_esbo%C3%A7o_hist%C3%B3rico_conceitual_e_uma_perspectiva_sartreana. Acesso em: 10 jul. 2021.

CASTRO, L. C. F. A angústia em Kierkegaard, Heidegger e Sartre. Sobre o que a ciência não pode objetificar. **Revista Ética e Filosófica Política**, Juiz de Fora, n. XXVIII, v. 1, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia/article/view/31477>. Acesso em: 10 jul. 2021.

EHRlich, F. I. **Contribuições do “Projeto de Ser” em Sartre para a psicologia de Orientação Profissional**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2002. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/83679/223397.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 jul. 2021.

FREITAS, S. **Psicologia Existencial de Grupos e Mediação Grupal: Contribuições do Pensamento de Sartre**. Curitiba, PR: Appris, 2018.

GERASSI, J. **Jean-Paul Sartre: Consciência odiada de seu século**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1990.

MING-WAU, C.; BORIS, B. J. D. G.; MELO, K. A.; SILVA, R. M. da. A decisão de tentar o suicídio sob a lente fenomenológico-existencial. **Estudos e pesquisas em psicologia**, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/56663/36300>. Acesso em: 10 jul. 2020.

PENHA, J. **O que é existencialismo**. São Paulo, SP: Brasiliense, 2001.

PEREIRA, E. F.; MELLO, V. T.; BERVIQUE, J. de. A O homem e a angústia existencial em Jean-Paul Sartre. **Revista Eletrônica Científica - FAEF**: Garca, 2014. Disponível em: http://www.faeff.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/87BLW0hYmfXo34t_2013-5-13-16-3-56.pdf. Acesso em: 10 jul. 2021.

ROTHER, T. E. **Revisão sistêmica x revisão narrativa**. Editora Técnica da Acta Paulista de Enfermagem, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>. Acesso em: 12 jul. 2021.

SARTRE, J. P. **Entre Quatro Paredes**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2005.

SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SARTRE, J. P. **O ser e o nada**: Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SCHNEIDER, R. D. **Sartre e a psicologia clínica**. Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 2011.

SILVA, M. M. de O.; KLOSOWSKI, Alexandre; BARSGAZ, V. Marcos. O suicídio sob a ótica ontológica existencial sartreana. **XVIII Jornada científica dos campos gerais**. Ponta Grossa – PR, 2020. Disponível em: <https://iessa.edu.br/revista/index.php/jornada/article/view/1899>. Acesso em: 10 jul. 2021.

VACCARO, M. M. **Constituição do Sujeito e Historicidade**: um estudo a partir do existencialismo sartreano. Maringá, PR, 2014. Disponível em: <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/3027> Acesso em: 12 jul. 2021.

ⁱ Mikaelli Neves Carvalho. Graduada em Psicologia (UniFatecie) e acadêmica do curso de filosofia pelo Centro Universitário UniFatecie. Email: mikaelli-carvalho@hotmail.com

ⁱⁱ Psicólogo (CRP: 08/32553), mestre (2019) e doutorando em Psicologia, área de concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (PPI-UEM). Professor de graduação e supervisor de estágio clínico no Centro Universitário Cidade Verde (UniFCV); professor na Faculdade de Administração e Ciências Econômicas (FACEC). Email: nlucasdegabriel@gmail.com